



ANÁLISE DE CANTARES

VERSOS 3.1-11

Capítulo 3 A separação e o Casamento

1. {The Shulamite}

2. 3:1 על-משכבי בלילות בקשתי את שאהבה נפשי בקשתי ולא מצאתיו: Al-mishkavi baleilot bikashti et sheahavah nafshi bikashtiv velo metzativ:
3. Al-mishkavi baleilot bikashti et sheahavah nafshi bikashtiv velo metzativ:
4. By night on my bed I sought him whom my nefesh loveth: **I sought him**, but I found him not.

1 DE NOITE, EM MINHA CAMA, BUSQUEI AQUELE A QUEM AMA A MINHA ALMA; BUSQUEI-O, E NÃO O ACHEI.

Esse é o momento do pesadelo de Sunamita. Ela adormeceu e quando abriu seus olhos na madrugada seu Amado já não estava lá. A declaração é profunda, ela evoca uma palavra nova, a palavra alma. Alma é em hebraico Nefesh. É sinônimo de vida, da essência humana, traduzida no Novo Testamento por Psique de onde deriva psicológico, a psicologia é a ciência que cuida da alma humana, da mente do ser humano. Ela o ama com sua imaginação, até onde pode entender, ou compreender, ela o ama. Ele é o objeto de seus pensamentos. Por ele ela “perdeu a cabeça”, ele é o que impacta seu raciocínio. Só que a razão de sua vida não está mais ao seu lado. Lembra a dor dos discípulos após a morte de Cristo, lembra a angustia do povo judeu após a destruição do templo de Jerusalém, lembra a moça que chora no meio da noite porque desmanchou o namoro e tenta se consolar no travesseiro. Jesus fala de uma cena em que estarão dois deitados numa cama em certa noite e que um dos membros do casal será deixado e o outro tomado. A cena que se apresenta representa também este instante profético, a cena da pessoa que vê a outra desaparecer e a busca freneticamente sem saber o que aconteceu.

A canção mudou, a cena mudou de uma momento de alegria, uma esperança de permanecerem juntos, para uma súbita separação.

BETER aconteceu nessa noite para Sunamita!

Ao menos em seus sonhos. Salomão não podia estar neste momento o tempo integral com ela. E afinal a canção é um drama. Ela desperta e vai à luta. Não, de jeito algum. Ela o buscou no lugar errado, em sua cama. Não o encontrou. A fé exige atitudes, trabalho. Nós ansiamos descansar. Mas a Igreja é sacerdotal, ela é sacerdócio, significa que trabalha as vezes em turnos. Descansar, dormir, neste contexto de Cantares, significava não aproveitar o momento único que viviam. A igreja necessita permanecer intercedendo, orando, buscando, crendo, perseverando. Ela não se deixa abater pelo cansaço. Mas a moça não parou por ali.

1. 3:2: אקומה נא ואסובבה בעיר בשוקים וברחבות אבקשה את שאהבה נפשי בקשתיו ולא מצאתיו:
2. Akumah na vaasovvah vair bashvakim uvarkhovot avakshah et sheahavah nafshi bikashtiv velo metzativ:
3. I will rise now, and go about the city in the streets, and in the broad ways I will seek him whom my nefesh loveth: I sought him, but I found him not.

2 LEVANTAR-ME-EI, POIS, E RODEAREI A CIDADE; PELAS RUAS E PELAS PRAÇAS BUSCAREI AQUELE A QUEM AMA A MINHA ALMA; BUSQUEI-O, E NÃO O ACHEI.

Ela tomou uma atitude corajosa. No meio da madrugada, desprezando os bêbados, ela correu e rodou a cidade. Não satisfeita correu pelo meio das Praças. Mas ele não estava em nenhum desses lugares.

Referencias Urbanas

Os poemas que compõem o gênero o *wasf de Cantares* caracterizam-se pelo uso freqüente de imagens do meio urbano para exaltar aspectos do corpo humano:

- a. **“Como torre de Davi é teu pescoço**, construída em camadas de pedras, um esquadrão é a defesa; pendurados sobre ela (estão) todos os escudos dos guerreiros” (Ct 4,4).
- b. “As suas mãos são cilindros de ouro, incrustados de **‘pedras de Tarsis’**. O seu abdome é lamina de marfim, que foi coberta de safiras. As suas coxas **são pilares fundados sobre bases de ouro puro**” (Ct 5,14-15a).
- c. “Bela és tu minha amada **como Tirza, graciosa como Jerusalém**, pavorosa como quem carrega estandartes” (Ct 6,4).
- d. “As curvas dos teus quadris são como **enfeites obra de mãos de artesão**” (Ct 7,2b).
- e. **“Teu pescoço é como torre de marfim, teus olhos são como as piscinas de Hesbon, sobre o portão da ‘filha de multidões’ (Bat-rabim).**

Teu nariz é **como torre do Líbano, vigiando diante de Damasco.**

Tua cabeça sobre ti é **como o Carmelo**, e o cabelo da tua cabeça como púrpura, rei preso com tiras de couro” (Ct 7,5-6)

A cidade como lugar de sofrimento

Paradoxalmente, Jerusalém em Cantares não é celebrada, não é chamada de “graciosa” nem é exaltada sua pompa e luxo. As referências a Salomão que é, depois de Davi, o rei mais tradicionalmente ligado a Jerusalém, nas duas das três vezes que acontecem, são negativas vinculadas a denúncias (cf. Ct 8,11-12).

O imaginário deste verso, a cidade, suas habitações, ruas, praças, guardas, muralhas e até sua simbologia como centro de poder (Salomão), compõe um quadro de frustração e sofrimento.

Descrições semelhantes à feita pelas filhas de Jerusalém aparecem em outros textos jerusalemitas do Antigo Testamento. Em Jr 5,1 onde possivelmente se descreve uma Jerusalém pré-exílica com ruas e praças, se lê?

Dai voltas às ruas (“*bebutzól*”) de Jerusalém, e vede agora, e informaivos, e buscai pelas tuas praças (“*rehaboteka*”), para ver se achais alguém ou se há um homem que pratique a justiça *ou* busque a verdade; e eu lhe perdoarei.

Em Zacarias 8,4 se descreve a Jerusalém pós-exílica:

“Ainda nas praças de Jerusalém (*berebabôt iyerúshálám*) habitarão velhos e velhas, levando cada um na mão o seu bordão, por causa da sua muita idade”.

Mas, diferentemente do que nos textos citados acima, a cidade não é o lugar da utopia para as filhas de Jerusalém. A cidade não aparece como metáfora para a amada como acontece nos poemas de Lamentações (2,12-13a):

Para suas mães (*imotám*) eles diziam, onde estão o trigo e o vinho?
Estando eles a enfraquecer, como feridos mortalmente, nas praças (*rehobôt*) A cidade (*iyr*) a derramar sua vida (*nafeshám*) sobre o peito das suas mães (*imotám*). Qual seria o testemunho? Com que te compararia, ó filha de Jerusalém (*habat yerúshálám*)?.

A cidade é a mãe do ESTADO MODERNO. Todos os grandes problemas urbanos hoje são vinculados às grandes cidades. Os índices de violência, as quadrilhas, o tráfico de drogas, os grandes currais eleitorais, os grandes gastos públicos, a tremenda quantidade de poluição gerada, a despersonalização, a desindividualização. A prostituição, as questões ambientais, sociais, de saúde, de ensino.

Jerusalém já era uma grandiosa metrópole na época de Salomão. Um centro administrativo e político. Não é citada o nome da cidade onde ocorrem os eventos descritos até este capítulo de Cantares. Pode ser uma outra próxima ao Líbano, poderia ser inclusive uma cidade costeira. Cesárea, ou Cafarnaum. Mas é uma grande cidade cercada de muros e com praças. O leitor em seu coração viaja até a cidade de Jerusalém, pois a todo instante são citadas “as filhas de Jerusalém”.

Na dimensão espiritual a representação de que não está nas bases da economia, da antropologia, das ciências sociais, não está no escopo da tecnologia ou na indústria do entretenimento o lugar do Amado. As coisas do Espírito não estão na construção do mundo. Porque o mundo rejeitou a Deus. A indústria, o progresso, a economia mundial, os modelos políticos que hoje norteiam a vida das nações, nelas não se encontrará ao Amado. Por toda parte o espírito que endossa nossa era é o da especulação, não o da sinceridade. São praças aonde o que se vê é a injustiça social. Não há praça de uma cidade do mundo que não tenha testemunhado um assassinato. Poucas ruas não testemunharam tragédias. E certamente nenhuma construção humana deixou de testemunhar alguma mentira.

No livro A Cidade Antiga o prof. Fustel de Coulanges (1830-1889) fez um tratado do desenvolvimento das instituições que dão base à sociedade moderna.

Trecho de A cidade Antiga

Essas crenças logo deram lugar a regras de conduta. Desde que o morto tinha necessidade de alimento e de bebida, pensou-se que era dever dos vivos satisfazer às suas necessidades. O cuidado de levar alimentos aos mortos não foi abandonado ao capricho, ou aos sentimentos mutáveis dos homens; era obrigatório. Estabeleceu-se desse modo uma

verdadeira religião da morte, cujos dogmas logo se reduziram a nada, mas cujos ritos duraram até o triunfo do Cristianismo.

Os mortos eram considerados criaturas sagradas. Os antigos davam-lhes os epítetos mais respeitáveis que podiam encontrar; chamavam-nos de bons, de santos, de bem-aventurados. Tinham por eles toda a veneração que o homem pode ter para com a divindade, que ama e teme. Segundo seu modo de pensar, cada morto era um deus.

Essa espécie de apoteose não era privilégio dos grandes homens; não se faziam distinções entre os mortos. Cícero afirma: “Nossos ancestrais quiseram que os homens que deixaram de viver fossem contados entre os deuses.” — Não era necessário ter sido um homem virtuoso; o mau tornava-se deus tanto quanto o homem de bem; apenas continuava, nessa segunda existência, com todas as más inclinações que tivera na primeira.

Os gregos de boa mente davam aos mortos o nome de deuses subterrâneos. Em Ésquilo um filho invoca deste modo o pai morto: “Ó tu, que és um deus sob a terra.” — Eurípides diz, falando de Alceste: “Junto a seu túmulo o viandante há de parar, e dizer: Esta é agora uma divindade feliz.” — Os romanos davam aos mortos o nome de deuses manes: “Prestai

aos deuses manes as honras que lhes são devidas — diz Cícero — pois são homens que deixaram de viver; reverenciai-os como criaturas divinas.”

Os túmulos eram os templos dessas divindades. Assim exibiam eles, em latim e em grego, a inscrição sacramental: *Dis Manibus, theōis ethonōis*. — Era lá que o deus permanecia sepultado: *Manesque sepulti* — diz Virgílio. Diante do túmulo havia um altar para os sacrifícios, como diante do túmulo dos deuses.

Encontramos o culto dos mortos entre os helenos, entre os latinos, entre os sabinos e entre os etruscos; encontramos-lo também entre os árias da Índia, como mencionam os hinos do Rig-Veda. Os livros das Leis de Manu falam desse culto como do mais antigo entre os homens. Vê-se por esse livro que a ideia da metempsicose desconheceu essa velha crença; mesmo antes disso já existia a religião de Brama, e, contudo, tanto sob o culto de Brama como sob a doutrina da metempsicose a religião das almas dos ancestrais subsiste ainda, viva e indestrutível, e força o redator das Leis de Manu a levá-la em conta, e a admitir ainda suas prescrições no livro sagrado. Não é esta a menor singularidade desse livro estranho: conservar regras relativas a crenças antigas quando foi redigido, evidentemente, em época na qual outras crenças opostas prevaleciam. Isso prova que, se é necessário muito tempo para que as crenças humanas se transformem, é necessário mais tempo ainda para que as

práticas exteriores e as leis se modifiquem. Hoje mesmo, depois de tantos séculos e revoluções, os hindus continuam a oferecer dádivas aos antepassados. Essas idéias e ritos são o que há de mais antigo na raça indo-européia, assim como o que há de mais persistente.

Esse culto era idêntico tanto na Índia quanto na Grécia e na Itália. O hindu devia oferecer aos manes a refeição chamada *sraddha*: “Que o chefe da casa faça o *sraddha* com arroz, leite, raízes, frutos, a fim de atrair sobre si a proteção dos manes”. — O hindu acreditava que no momento em que oferecia esse banquete fúnebre, os manes dos antepassados vinham sentar-se a seu

lado, e recebiam os alimentos que lhes eram oferecidos. Acreditava também que esse banquete proporcionava grande alegria aos mortos: “Quando o *sraddha* é oferecido de acordo com o ritual, os antepassados daquele que oferece o banquete experimentam uma satisfação inalterável.” Assim os árias do Oriente, em sua origem, pensaram como os do Ocidente com relação ao mistério do destino depois da morte. Antes de acreditar na metempsicose, que supunha absoluta distinção entre a alma e o corpo, acreditaram na existência vaga e indecisa da criatura humana, invisível, mas não imaterial, e exigindo dos mortais comida e bebida. O hindu, como o grego, olhava para os mortos como seres divinos, que gozavam de existência bem-aventurada. Mas havia uma condição para sua

felicidade: era necessário que as ofertas fossem levadas regularmente. Se deixavam de oferecer o *sraddha* por um morto, sua alma saía de sua morada de paz, e tornava-se errante, atormentando os vivos; de sorte que os manes só eram considerados deuses em razão das ofertas que lhes eram feitas pelo culto. Os gregos e romanos tinham exatamente as mesmas opiniões. Se deixassem de oferecer aos mortos o banquete fúnebre, logo estes saíam de seus túmulos, e, como sombras errantes, ouviam-nos gemer na noite silenciosa. Censuravam os vivos por sua impiedosa negligência; procuravam então castigá-los, mandavam-lhes doenças, ou castigavam-lhes as terras com a esterilidade. Enfim, não davam descanso aos vivos até o dia em que voltassem a oferecer-lhes o banquete fúnebre. O sacrifício, a oferta de alimentos e a libação levavam-nos de volta ao túmulo, e proporcionavam-lhes o repouso e atributos divinos. O homem assim estava em paz com eles.

A casa do grego ou do romano obrigava um altar; sobre esse altar devia haver sempre um pouco de cinza e carvões acesos. Era obrigação sagrada, para o chefe de cada casa, manter aceso o fogo dia e noite. Infeliz da casa onde se apagasse! Cada noite cobriam-se de cinza os carvões, para impedir que se consumissem por completo; pela manhã, o primeiro cuidado era reavivar o fogo, e alimentá-lo com ramos. O fogo não cessava de brilhar diante do altar senão quando se extinguiu toda uma família; a extinção do fogo e da família eram expressões sinônimas entre os antigos.

Há três coisas que, desde as mais antigas eras, encontram-se fundadas e solidamente estabelecidas nas sociedades grega e itálica: a religião doméstica, a família, o direito de propriedade; três coisas que tiveram entre si, na origem, uma relação evidente, e que parecem terem sido inseparáveis.

A ideia de propriedade privada fazia parte da própria religião. Cada família tinha seu lar e seus antepassados. Esses deuses não podiam ser adorados senão por ela, e não protegiam senão a ela; eram sua propriedade exclusiva

Ora, entre esses deuses e o solo, os homens das épocas mais antigas divisavam uma relação misteriosa. Tomemos, em primeiro lugar, o lar; esse altar é o símbolo da vida sedentária, como o nome bem o indica. Deve ser colocado sobre a terra, e, uma vez construído, não o devem mudar mais de lugar. O deus da família deseja possuir morada fixa; materialmente, é difícil transportar a terra sobre a qual ele brilha; religiosamente, isso é mais difícil ainda, e não é permitido ao homem senão quando é premido pela dura necessidade, expulso por um inimigo, ou se a terra não o puder sustentar por ser estéril. Quando se constrói o lar, é com o pensamento e a esperança de que continue sempre no mesmo lugar. O deus ali se instala, não por um dia, nem pelo espaço de uma vida humana, mas por todo o tempo em que dure essa família, e enquanto restar alguém que alimente a chama do sacrifício. Assim o lar toma posse da terra; essa parte da terra torna-se sua, é sua propriedade. A casa situava-se sempre no recinto sagrado. Entre os gregos, dividia-se em duas partes o quadrado formado pela cerca: a primeira parte era o pátio; a casa

ocupava a segunda parte. O altar, colocado mais ou menos no centro da área total, encontrava-se assim no fundo do pátio, e perto da entrada da casa. Em Roma a disposição era diferente, mas o princípio era o mesmo. O altar ficava colocado no meio do recinto, mas as paredes elevavam-se ao seu redor pelos quatro lados, de maneira a fechá-lo no meio de um pequeno pátio. Vê-se claramente o pensamento que inspirou esse sistema de Construção: as paredes levantam-se ao redor do altar, para isolá-lo e protegê-lo; e podemos afirmar, como diziam os gregos, que a religião ensinou a construir casas. Como o caráter de propriedade privada está manifesto em tudo isso! Os mortos são deuses que pertencem apenas a uma família, e que apenas ela tem o direito de invocar. Esses mortos tomaram posse do solo, vivem sob esse pequeno outeiro, e ninguém, que não pertença à família,

pode pensar em unir-se a eles. Ninguém, aliás, tem o direito de privá-los da terra que ocupam; um túmulo, entre os antigos, jamais pode ser mudado ou destruído; as leis mais severas o proíbem. Eis, portanto, uma parte da terra que, em nome da religião, torna-se objeto de propriedade perpétua para cada família. A família apropriou-se da terra enterrando nela os mortos, e ali se fixa para sempre. O membro mais novo dessa família pode dizer legitimamente: Esta terra é minha. — E ela lhe pertence de tal modo, que lhe é inseparável, não tendo nem mesmo o direito de desfazer-se dela. O solo onde repousam seus mortos é inalienável e imprescritível. A lei romana exige que, se uma família vende o campo onde está o túmulo, continua no entanto proprietária desse túmulo, e conserva eternamente o direito de atravessar o campo para nele cumprir as cerimônias do culto. Era antigo costume enterrar os mortos, não em cemitérios, ou à beira das estradas, mas no campo de cada família. Esse costume dos tempos antigos é confirmado por uma lei de Sólon, e por diversas passagens de Plutarco. Lemos em um discurso de Demóstenes que, ainda em seu tempo, cada família enterrava seus mortos no próprio campo, e que quando se comprava uma propriedade na Ática, nela encontravam a sepultura dos antigos proprietários. Quanto à Itália, esse mesmo costume nos é atestado por uma lei das Doze Tábuas, pelos textos de dois jurisconsultos, e por esta frase de Sículo Flaco: “Antigamente havia duas maneiras de colocar os túmulos: uns punhamnos no limite dos campos, outros no meio.”

É bastante evidente que a propriedade privada era uma instituição da qual a religião doméstica não se podia eximir. Essa religião prescrevia que se isolasse o domicílio e a sepultura: a vida em comum, portanto, tornava-se impossível. A mesma religião ordenava que o altar fosse fixado ao solo, e que a sepultura não fosse nem mudada, nem destruída. Suprimi a propriedade, e o altar ficará errante, as famílias confundir-se-ão, os mortos ficarão abandonados e sem culto. Por causa do altar irremovível e da sepultura permanente, a família tomou posse do solo; a terra, de certo modo, foi imbuída e penetrada pela religião do lar e dos antepassados. Abarquemos com o olhar o caminho percorrido pelos homens. Na origem, a família vive isolada, e o homem não conhece senão deuses domésticos, *theòi patròì, dii gentiles*. Acima da família forma-se a fratria, com seu deus, *theòs phrátrios, Juno curialis*. Em seguida vem a tribo, e o deus da tribo *theòs phylìos*. Chega-se, enfim, à cidade, e imagina-se um deus que abraça toda a cidade, *theòs polièus, penates publici*. Hierarquia de crenças, hierarquia de associações. A idéia religiosa foi, entre os antigos, o sopro inspirador e organizador da sociedade. As tradições dos hindus, dos gregos, dos etruscos, contavam que os deuses haviam revelado aos homens as leis sociais. Sob essa forma legendária há uma verdade. As leis sociais foram obra dos deuses; mas esses deuses, tão poderosos e tão benfajezos, não eram nada mais que as crenças dos homens.

Não devemos imaginar as cidades antigas de acordo com as que costumamos ver nos dias de hoje. Constroem-se algumas casas, e temos uma aldeia. Insensivelmente o número de casas aumenta, e temos a cidade; e, se for o caso, acabamos por rodeá-la por um fosso e uma muralha. Uma cidade, entre os antigos, não se formava com o tempo, pelo lento crescimento do número dos homens e das construções. Fundava-se uma cidade de um só golpe, inteiramente, em um dia.

Mas era necessário que a cidade fosse constituída antes, o que era a obra mais difícil, e ordinariamente a mais longa. Uma vez que as famílias, as fratias e as tribos concordavam em se unir, e em adotar o mesmo culto, logo se fundava a cidade, para ser o santuário desse culto comum. Também a fundação de uma cidade sempre constituiu ato religioso.

O primeiro cuidado do fundador é escolher o local da nova cidade. Mas essa escolha, coisa grave, e da qual se crê depender o destino do povo, sempre foi deixada à decisão dos deuses. Se Rômulo fosse grego, teria consultado o oráculo de Delfos; se fosse samnita, teria seguido o animal sagrado, o lobo ou o picanço. Latino, muito vizinho dos etruscos, iniciado

na ciência augural, pede aos deuses que lhe revelem sua vontade pelo vôo dos pássaros. Os deuses apontam-lhe o Palatino.

Depois que essa cerimônia preliminar preparou o povo para o grande ato da fundação, Rômulo cava um pequeno fosso de forma circular, onde lança um torrão, por ele trazido da cidade de Alba. Depois, cada um de seus companheiros, um por um, lança no mesmo lugar um pouco de terra, trazida de seu país de origem. Esse rito é notável, e revela nesses homens um pensamento que é preciso assinalar. Antes de chegar ao Palatino, eles moravam em Alba, ou em alguma outra cidade vizinha. Lá estava seu lar, lá seus pais haviam vivido, e estavam sepultados. Ora, a religião proibia abandonar a terra onde o lar estava fixado e onde repousavam os antepassados divinos. Era preciso, pois, para se livrarem de toda impiedade, que cada um daqueles homens usasse de uma ficção, e que levasse consigo, sob o símbolo de um torrão de terra, o solo sagrado em que seus antepassados estavam

sepultados, e ao qual estavam ligados os manes. O homem não podia mudar se sem levar consigo a terra e seus ancestrais. Era necessário que observasse esse rito para que pudesse dizer, mostrando o novo lugar que adotara: Esta é ainda a terra de meus pais: *Terra patrum, patria*, aqui é minha pátria, porque aqui estão os manes de minha família. O fosso onde cada um lançara um pouco de terra chamava-se *mundus*; ora, essa palavra designava, especialmente na antiga língua religiosa, a região dos manes. Desse mesmo lugar, segundo a tradição, os manes dos mortos escapavam três vezes por ano, desejosos de rever a luz por um momento. Não vemos ainda, nessa tradição, o verdadeiro pensamento dos homens antigos? Lançando ao fosso um torrão de terra da antiga pátria, acreditavam encerrar nela também as almas dos antepassados. Essas almas, ali reunidas, deviam receber culto perpétuo, e velar sobre seus descendentes. Rômulo, nesse mesmo lugar, levantou um altar, e acendeu o fogo. Este foi o fogo sagrado da nova cidade.

Não estão distantes as tradições referentes das cidades de Israel. As que foram tomadas tinham casas construídas segundo tais preceitos. O direito à propriedade da antiguidade nasce do culto aos mortos. A limitação das propriedades era feita por pedras consagradas denominadas termos. Os parentes eram enterrados na propriedade em que moravam e era necessário que tivesse acesso livre até o túmulo para oferecerem libações aos mortos, e isso não poderia ser interrompido pelas gerações futuras, tornando-se uma obrigação sucessória, e ao mesmo tempo dando origem ao conceito de herança e do direito à herança, direito sucessório, já que seria de responsabilidade do filho mais velho a obrigação *de alimentar aos mortos*.

É neste mundo mágico, de crenças que exaltavam a morte e que dela faziam sua religião que as cidades e a civilização foi inspirada.

Não é nessa cidade onde pessoas fazem culto aos espíritos familiares que Sunamita encontrará seu Amado. Não numa cidade onde exercem um sacerdócio baseado em tradições religiosas que as prendem a ritos de culto funerário, contendo um “fogo sagrado” cujo o símbolo é belíssimo mas que não é dedicado a Vida,



Vivemos num mundo religioso cheio de tradições, rituais, ritos, mistificações e mágica. Com belíssimas representações da realidade espiritual, corrompidas pelo erro, poluídas pela imaginação, enganando os homens e os conduzindo na direção do cemitério. Literalmente falando.

O conceito de Estado parece ter origem nas antigas cidades-estados que se desenvolveram na antiguidade, em várias regiões do mundo, como a Suméria, a América Central e no Extremo Oriente. Em muitos casos, estas cidades-estados foram a certa altura da história colocadas sob a tutela do governo de um reino ou império, seja por interesses económicos mútuos, seja por dominação pela força. O estado como unidade política básica no mundo tem, em parte, vindo a evoluir no sentido de um supranacionalismo, na forma de organizações regionais, como é o caso da União Europeia

A quem pertence, legitimamente a terra?

O que legitima o direito de propriedade humana ao solo em que vive e habita?

O mundo e a terra pertencem ao Senhor. Criada, Arrendada, Roubada e Retomada.

Criada em Genesis

Arrendada ao Homem no Jardim

Roubada por Satanás na Queda

Retomada na Ressurreição.

Mas para todos os efeitos, SEMPRE pertenceu a um único possuidor. Deus. E só este poderia entregá-la, delegá-la, reparti-la ao ser humano. O modo como Deus estabeleceu essa partilha, é a Profecia. A Profecia é uma instituição anterior à existência da LEI, qualquer que seja o código humano. E anterior às religiões e ao culto aos mortos.

O único pedaço de terra do mundo em que vivemos, delegado por Deus a alguém, que possui uma PROFECIA DECLANDO POSSE até a presente data, 2014, é a terra de Israel. Fora um ou outro local que habitem anjos, ou separados por Deus para o exercício da cidadania celestial, alguns acampamentos, alguns terrenos que foram doados por Profecia para alguma finalidade em alguma geração. Mas, genericamente falando, nós, egípcios, gregos, romanos, brasileiros, argentinos, ingleses e franceses ou porto-riquenhos somos no máximo “posseiros”. Os papéis que legitimam nosso direito a propriedade não tem valor algum, diante da Eternidade.

Não foi dado a nenhum Estado o Direito Absoluto sobre a Propriedade. **Inclusive o mundo de amanhã sofrerá uma redistribuição de terras.** Embora o Direito Romano nos tenha influenciado.

A profecia já definiu a quem pertence à terra, terra como sinônimo de mundo, muito tempo atrás:

“Os justos herdarão a terra”.

Mas, antes de chegar esse “amanhã”, as Escrituras determinaram um pedaço de terra para os israelitas.

A Sunamita não pode encontrar o Amado na cidade porque a cidade e suas praças lembram essa origem religiosa, possuem uma identidade que a identificam a busca dos mortos, com a necromancia, com a adoração aos mortos. Ela evoca a morte. Ela é lugar de violência, ela é uma referência a práticas de injustiça.

Por isso é que também um dia descera dos céus uma cidade CELESTIAL.

E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.

E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus.

E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.

Apocalipse 21:2-4

Uma cidade que não possui CEMITÉRIOS. Os fundamentos desta cidade não é a morte. Ela não tem pranto e nem choro, porque não viu e nem jamais verá procissões de sepultamento. Porque ela é baseada em VIDA. As casas da antiguidade eram imaginadas para serem possessão perpétua de uma família. Pois esta cidade será. A referência a “não haverá mais morte” associado a uma cidade divina fica bem mais profunda lendo um pouco sobre a origem das cidades da antiguidade.

As casas da antiguidade possuíam um altar. Eram inspiradas em templos. Tinham até o fogo sagrado acesso em suas salas. Mas sublimavam, exaltavam a morte, substituíam o Espírito da Vida, pelos espírito dos mortos.

Porém, é numa dessas nossas cidades cobertas de violência que a Sunamita está correndo, aflita e chorando.

1. מצאוני השמרנים הסבבים בעיר את שאהבה נפשי ראיתם: 3:3
2. Metsauni hashomrim hasovvim bair et shehavah nafshi reitem:
3. The shomrim (watchmen) that go about the city found me: [to whom I said], Saw ye him whom my nefesh loveth?

3 ACHARAM-ME OS GUARDAS, QUE RONDAVAM PELA CIDADE; EU LHES PERGUNTEI: VISTES AQUELE A QUEM AMA A MINHA ALMA?

A palavra *guarda* em hebraico é Shamar, significa Sentinela, Vigia, Observador, Protetor.

Os guardas a encontram, e não a tratam mal. São dois grupos distintos. Este ao ver a moça chorando se preocupam e vão socorrê-la. O segundo, um grupo de guardas bêbados a colocará numa situação embaraçosa. Eles são profissionais corretos exercendo dignamente sua função de patrulhamento da cidade e logo percebem que não se trata de um caso policial. Eles, infelizmente, não têm meios de ajudá-la, não são versados em problemas do coração. Tão pouco eles fazem ideia de quem ela realmente está procurando. Simplesmente ela procura ao chefe, the Big Boss, ao rei, devidamente disfarçado. Os guardas neste momento representam um papel digno. Limitados ao seu ofício, as obrigações e a escala de serviço, não serão de muito auxílio. Se ao menos entre eles houvesse um detetive ao nível de um Sherlock Holmes...Mas a moça está com pressa. A pergunta que ela faz é bem interessante. Ela não o DESCREVE. Ela não diz como ele está vestido, sua altura, ela dá um retrato falado que lembra o quadro “Depoimento” de Porta-dos-Fundos, canal de comédia brasileiro no Youtube.



<https://www.youtube.com/watch?v=T3UiOCry06w>

Na dimensão espiritual os guardas da cidade designam aqueles que *protegem* a integridade intelectual da sociedade. Os que a cercam e a vigiam. O saber acadêmico, a filosofia, as artes, a tecnologia e as ciências. A política, o sentimento religioso, o direito, a cultura. A cidade é uma representação do Estado, representa o mundo humano e suas complicadas relações. O que guarda sua integridade? O que faz com que a civilização permaneça digna do nome civilização? Os civilizadores. Os filósofos, os poetas, seus músicos. Seus intelectuais, seus políticos, seus historiadores, seus químicos e físicos, engenheiros e estadistas, teólogos e sacerdotes. Seus legisladores. Um dos pilares da sociedade humana é o direito, as leis, as normas de conduta, a jurisprudência, as regras que estabelecem as relações. Essas regras agem como guardas. A constituição é um guarda dos direitos e da integridade dos indivíduos de uma nação. As regras econômicas, protegem-nos dos processos comerciais ilícitos, impedem até certo ponto as práticas desleais da concorrência. *Nem todos os guardas são fiéis, of course.* Platão, Aristóteles, Wittgenstein, Quine, Émile Durkheim, Tzvetan Todorov, Jakob Bernoulli, Pierre Simon Laplace ou Srinivasa Ramanujan, poderiam responder-nos coisas espetaculares. Mas não compreenderiam os mistérios do Reino, se o Espírito de Deus para eles não o revelasse. **Os guardas não são**

o suficiente, todo o conhecimento humano não é suficiente para saciar a alma da Sunamita Celestial. Ela só é plena nEle, ao ouvir sua Voz, ao conhecer seus segredos, seus mistérios, só fica encantada com a sua Sabedoria.

É importante frisar este aspecto. **Nenhum outro ser humano na terra recebeu de Deus uma profecia que dissesse a ele que depois dele ninguém seria tão sábio.** Os especialistas em muitas áreas descobriram coisas maravilhosas, certamente DESCONHECIDAS por Salomão. Mas certamente ele recebeu de modo sobrenatural a capacidade de apreendê-las, de compreendê-las e ir além de todos estes, mestres em suas respectivas cadeiras, se ele lhes fosse contemporâneo. Nenhum deles havia nascido ainda na época de Salomão. E mesmo após eles, **ninguém recebeu alguma declaração que mudasse o julgamento divino sobre a sabedoria de Salomão. Continua valendo hoje, em meio a uma sociedade tecnológica, que diante do Espírito de Deus não se levantou na terra homem tão sábio quanto Ele.** (Jesus não conta na premissa anterior, que senão é covardia).

A moça está atrás do homem mais inteligente da terra. Se ele se esconder os guardas não saberão como achá-lo.

A Igreja também. Cristo é a Sabedoria divina em forma humana. Nele estão escondidos os segredos e mistérios da Sabedoria. Os guardas do Éden eram querubins. Os guardas da Cidade Celestial, da Nova Jerusalém, são anjos. Mas, nem eles sabem as respostas que habitam somente o coração de Cristo. Na verdade os anjos são mensageiros justamente porque somente Nele estão os mistérios da Criação, da Eternidade, da Salvação.

1. כמעט שעברתי מהם עד שמצאתי את שאהבה נפשי אחזתיו ולא ארפנו עד־שהביאתיו אל־בית 3:4
אמי ואל־חדר הורתי:
2. Kimat sheavarti mehem ad shematzati et sheahavah nafshi akhaztiv velo arpenu ad-shehaveitiv el-beit imi veel-kheder horati:
3. [It was] but a little that I passed from them, but I found him whom my soul loveth:
I held him, and would not let him go, until I had brought him into my mother's house, and into the chamber of her that conceived me.

4 APARTANDO-ME EU UM POUCO DELES, LOGO ACHEI AQUELE A QUEM AMA A MINHA ALMA; AGARREI-ME A ELE, E NÃO O LARGUEI, ATÉ QUE O INTRODUZI EM CASA DE MINHA MÃE, NA CAMARA DAQUELA QUE ME GEROU.

Não foi necessário ir muito longe. A moça enamorada encontrou ao amado e o agarrou disposta a nunca mais deixá-lo. Sunamita possui irmãos e mãe, embora não seja referido no poema seu pai, fazendo os leitores enxergá-la como uma órfã, como a princesa que um dia nasceria no reino da Persa, como Ester. A primeira providencia da moça é conduzi-lo até a morada de sua mãe. A antiga casa de seus pais. O lugar onde seus pais a geraram. **Onde sua existência teve início. Ousadamente ela o conduz até o lugar onde ela começou, por assim dizer, na história anterior a sua própria história, a história de**

amor de seus pais, do qual somente uma testemunha restava, que era sua mãe. A moça orgulhosamente apresenta o “desconhecido” a sua mãe. Seu pretendente. A mãe o saúda, lhe enche de mimos, põe ele para comer até quase arrebentar, conta histórias. E o rei fica ali naquela casa humilde se divertindo com a mãe de Sunamita.

A Igreja não necessita desprezar a sabedoria humana para contemplar os mistérios divinos ou receber revelações do Espírito. Só necessita “afastar-se um pouco”. Ela não pode permanecer sob sua “proteção”, sob sua “vigilância”. Não é a sabedoria humana que tem analisa ou interpreta as coisas das Escrituras. Só o Espírito de Deus é o interprete autorizado. Os limites da inteligência são as profundezas das Escrituras, seus mistérios e as coisas sequer sonhadas ou imaginadas. O mundo de Deus é vasto e maravilhoso, suas dimensões, seus planos, suas realidades transcendentais.

Jesus ao falar das realidades espirituais proclama para um versado doutor da Lei: “necessário te é nascer de novo”

Porque quem é nascido e criado a luz somente do que a sociedade sabe, não está capacitado para compreender as coisas espirituais. Ou indo mais longe: O espírito humano necessita sofrer uma transformação profunda em sua natureza, uma mudança tão radical, tão incomparável, para compreender a profecia, os dons espirituais, o batismo com espírito santo, a Eternidade, os mistérios da Salvação, a Nova Criação, os mistérios da Autoridade e da Fé, que sem RECOMEÇAR lhe é impossível. Sunamita conduz Salomão até o local mais primordial, mais primevo, mais inicial de sua carreira como ser humano.

É um símbolo. É óbvio, uma INDIRETA, uma insinuação, *eu quero ter filhos, casar-me como meus pais e você é a pessoa com a qual eu quero ter uma história de vida.*

E na dimensão espiritual esse símbolo se reveste de muitos outros.

II CO 5:14 “Aquele que está em Cristo Nova Criatura é, as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fêz novo”

3:5 {Refrão}

1. השבעתי אתכם בנות ירושלם בצבאות או באילות השדה אמתעירו ואמתעוררו אתהאהבה עד שתחפץ;
2. Hishbati etkhem **benot Yerushalayim** bitzvaot o beailot hasadeh im-tairu veim-teorru et-haahavah ad shetekhpatz:
3. I charge you, O ye **Daughters of Yerushalayim**, by the roes, and by the hinds of the field, that ye stir not up, nor awake [my] love, till he please.

5 CONJURO-VOS, Ó FILHAS DE JERUSALÉM, PELAS GAZELAS E CERVAS DO CAMPO, QUE NÃO ACORDEIS, NEM DESPERTEIS O MEU AMOR, ATÉ QUE QUEIRA.

Por quatro vezes essa expressão será concedida, como explicado na parte “A Magia de Cantares”. A cada vez que aparecer no texto nós acrescentamos algumas cores ao texto. Outra vez sua mente se volta às ricas jovens de Jerusalém. Ela está num lugar humilde. Sua casa é uma casa de uma família que vive da agricultura, dona de uma única Vinha da qual

retira todo o sustento. Ela pensa em na nobreza e riqueza das adversárias e como seria fácil para elas impressionar ao seu pretendente. Não sabe ela que ele é o dono, poeticamente falando, de toda a terra. Ele não está ali por causa da casa. Ele esta ali por causa dela.

1. {The Shulamite}

2. 3:6: מי זאת עלה מן-המדבר כתימרות עשן מקטרת מור ולבונה מכל אבקת רוכל: 3:6
3. Mi zot olah min-hamidbar ketimarot ashan mekuteret mor ulevona mikol avkat rokhel:
4. Who [is] this that cometh out of the wilderness like pillars of smoke, perfumed with myrrh and Levonah (frankincense), with all powders of the merchant?

6 QUEM É ESTA QUE SOBE DO DESERTO, COMO COLUNAS DE FUMAÇA, PERFUMADA DE MIRRA, DE INCENSO, E DE TODOS OS PÓS DOS MERCADORES?

Ainda ao sair da casa humilde de sua mãe. Ela se depara com um dos maiores espetáculos do mundo da antiguidade. Salomão era extremamente vaidoso. Ele não tinha na sua juventude um pingo de senso de sobriedade. Todas as suas obras eram embriagantes. Eram soberbas, grandiosas. Por causa da falta de comedimento nos gastos reais depois de sua morte o povo reclamará dos elevados gastos públicos criados pela gigantesca administração dos enormes, suntuosos e variados palácios reais, casas de descanso, navios, cavarias e monumentos espalhados em todo o reino. As dívidas com governos estrangeiros, a manutenção do staff público, dos serviços administrativos, da cavalaria, do imenso exército. E por alguma razão ele a havia convocado a sua liteira real, sua carruagem humana, levada por dezenas de escravos, cercada de centenas de soldados uniformizados, seguida de centenas de carros de guerra, com serventes para molhar a região por onde passava, outros para purificar com queima de incenso os lugares por onde trafegaria, para que o rei não fosse incomodado com os cheiros provenientes da falta de asseio ou higiene das pequenas comunidades, ou com o cheiro dos excrementos dos bois, cavalos e animais, para que não se importunasse com o cheiro do adubo das fazendas. Anunciada sua chegada por arautos, precedida de danças e de música. Não um liteira comum, mas uma liteira que mais parecia ser uma embarcação terrestre. Quase um ônibus-liteira. Era tão comprida que sessenta pessoas podiam ficar ao seu redor, munidas de escudos e lanças.

E ela estava anunciando que em breve o rei estaria partindo. Para todos os efeitos, nela estava Salomão. Ela é transportada como se o rei ali estivesse. Porque Sunamita não pode desconfiar que o rei está justamente ao seu lado. A comitiva parece uma caravana de mercadores, faz alusão as tribos dos árabes. Sua grandiosidade evoca os desfiles do Faraó do Egito. Quem a carrega são escravos das nações subjugadas, de diversas nacionalidades, todos estrangeiros. A Liteira é uma obra de engenharia feita com madeira caríssima das montanhas do Líbano, país que fazia divisa com Israel. A liteira tem outra representação também. Ela ao longe lembra ao tabernáculo sendo transportado no deserto, precedido por colunas de fumaça gigantescas e seguido de colunas de fogo. Ela é perfumada de mirra, da mesma mirra que Sunamita carrega entre os seios para se perfumar. *Ela tem o cheiro de Sunamita.* A procissão real parece uma procissão sacerdotal.

1. הנה מטתו שלשלמה ששים גברים סביב לה מגברי ישראל:3:7
2. Híneh mitato sheli**Shlomoh** shishim giborim saviv lah migiborei Yisrael:
3. Behold his bed, which [is] **Shlomoh's**; threescore valiant men [are] about it, of the valiant of Yisrael.

7 EIS QUE É A LITEIRA DE SALOMÃO; SESSENTA VALENTES ESTÃO AO REDOR DELA, DOS VALENTES DE ISRAEL;

Então... quebrando o silêncio da cena Salomão fala em terceira pessoa... Como se falasse de outro... Aponta o dedo e comenta de quem é a liteira... mas exagera um pouco... ele concede MUITAS INFORMAÇÕES sobre ela... **detalhes que um pastor comum... não deveria ter conhecimento...** Ele sabe, por exemplo que TODOS os soldados ao redor são CAPACITADOS e que possuem larga EXPERIENCIA (destros na guerra); reconhece o tipo de armamento que usam, **onde** eles o carregam ainda conhece bem o motivo, o porquê deles estarem tão fortemente armados...

Salomão afirma que viajar a noite era muitíssimo perigoso (ele fala dos temores noturnos). Por dois grandes motivos. Ladrões de caravanas e por causa dos animais selvagens. Havia leões, chacais, lobos, ursos. A terra da antiguidade é repleta de animais selvagens próximas aos centros urbanos, próximos às comunidades e vilas. É o interior do Brasil de 1950. A guarda pessoal de Davi possuía 37 homens. Salomão possuía 23 a mais. Esta equipe selecionada eram os guardas do presidente. A carruagem é um veículo de luxo, caríssimo e basicamente reservado ao transporte de reis. A liteira era usada pelas jovens noivas, em festas. Esse *híbrido* de Salomão é um exagero de liteira.

Era realmente uma liteira diferente, única. Trazida com pompa e também usada nos casamentos reais. O sonho de uma menina israelita seria estar sentada naquela liteira ao lado de Salomão desfilando diante da multidão.

A palavra “liteira” só aparece aqui em toda a Escritura.

A quantidade “60” é um número bem presente em diversas listas das Escrituras, individualmente ou somado à alguma quantidade. Uma em específico nos interessa bastante. Cercado pelos guardas do templo, os discípulos iniciam um combate desigual, Pedro com uma espada arranca a orelha do filho de um dos sacerdotes. Jesus para a batalha, e mesmo sabendo que seria preso, cura a orelha decepada do rapaz. Logo após afirma que se Ele reivindicasse o Pai enviaria legiões de anjos.

53 Ou pensas tu que eu não poderia rogar a meu Pai, e que ele não me mandaria agora mesmo **mais de doze legiões de anjos?**

Cada legião da época de Cristo tinha no máximo 6000 soldados. O que nos remeteria a 72000 anjos. Que é um múltiplo de 60. 1200 x 60.

Na dimensão espiritual há uma simbologia profunda neste texto. Salomão representa o Espírito de Deus, e onde ele se move, habita, transita é cercado por uma multidão de anjos. A primeira função designada para um ser celestial que vemos nas Escrituras é de

SENTINELA, ou guarda. A primeira vez que lemos sobre anjos, os veremos na figura de Querubins, uma classe especial de anjos, próximos a uma espada flamejante e guardando o caminho para a árvore da vida. A cena é uma tragédia, a da expulsão do homem e da mulher do paraíso, mas o que nos salta os olhos é a disparidade de poder entre duas criaturas mortais e os seres imortais de poder desconhecido impedindo-os de retornarem. O que não havia entendido é que tamanho poder tinha uma razão de ser. Não era por causa do ser humano que eles foram ali colocados. Estavam ali para impedir que os homens retornassem munidos de forças sobrenaturais e espirituais e tentassem pela força, numa associação maligna, homem mais inferno, tomar o que não lhes pertencia por direito. Durante o ministério de Cristo tremenda oposição maligna lhe será impetrado. É nos dito que o a maior demonstração de poder divino é uma confrontação de poderes, uma realização na qual Deus impõe força, em que há uma resistência à sua operação, o que não ocorreu na criação do universo, mas que aconteceu na ressurreição. Algo, alguém, poderes, forças, antagonizaram, lutaram, resistiram, intentaram impedir a ressurreição. Algo resistiu a voz divina de tal modo que o Espírito considera esse momento a maior manifestação da grandeza de seu poder. Um dos mistérios que envolvem a Igreja é a proteção, é a guarda, é a presença e participação de poderes espirituais que PELEJAM em seu favor. Há uma guerra, uma resistência feroz, animalesca, de ódio as coisas de deus que anseiam ver a destruição das coisas relacionadas ao Espírito de Deus. A liteira era um símbolo do reino de Israel, um símbolo da realeza e da riqueza de Salomão. Era um insulto a todas as nações conquistadas e uma máquina de propaganda, uma obra que engrandecia e tornava ao rei mais famoso ainda.

O desejo dos inimigos de Israel era que aquela liteira ardesse em chamas.

Salomão chama atenção para os salteadores. Do mesmo modo, o Espírito chama atenção para as realidades espirituais que estão presentes na escuridão. Os anjos não estão ao redor da Igreja por uma simples referencia. Estão organizados e preparados para fazer o que for necessário para que a liteira não seja danificada.

1. 3:8: כלם אחזי חרב מלמדי מלחמה איש חרבו על-ירכו מפחד בלילות:
2. Kulam akhuzei khrev melumdei milkhamah ish kharbo al-yerekho mipakhad baleilot:
3. They all hold swords, [being] expert in war: every man [hath] his sword upon his thigh because of fear in the night.

8 TODOS ARMADOS DE ESPADAS, DESTROS NA GUERRA; CADA UM COM A SUA ESPADA À CINTA POR CAUSA DOS TEMORES NOTURNOS.

A carruagem é fortemente armada. Protegida, guarnecida e projetada como um pequeno tanque de guerra. La é assim por causa da importância de quem ela conduz. A carruagem ou liteira não tocava o solo. Ela era erguida pelos braços de escravos que a pisavam no chão, nas poças, na lama e nas pedras, por isso com botas e sapatos apropriados. Havia um rito para erguer, para parar e para descer a carruagem. Uma estratégia que envolveria a comitiva e os soldados.

Há um eco distante neste texto. Destros na guerra vai falar-nos de preparo físico e estratégico que os guerreiros necessitavam, algo que só poderia ser conseguido em campo de batalha. Na dimensão espiritual fala-nos da necessidade de experiências na guerra que agora se trava no mundo espiritual Experiências que só são conseguidas por meio da intercessão. Por meio da vivencia e amadurecimento ministerial. A espada nas Escrituras

simboliza espiritualmente a ela mesma. A Palavra, do conhecido texto de Hebreus do Novo Testamento. A guerra espiritual não é uma parábola. Ou uma invenção psicológica. O ser humano guerreia para sobreviver desde o instante de seu nascimento. O processo de amadurecimento é uma guerra que ocorre na alma, a saúde é o resultado de muitas vitórias ganhas contra enfermidades. Pais lutam para sobreviver contra situações econômicas contrárias, há lutas para obter-se a formação acadêmica. Muitas vezes a sanidade psicológica é obtida por resistir a insultos, a coação, a tragédias familiares, a decepções sentimentais, a perda de pessoas que amamos. A guerra espiritual é um desdobramento das realidades que já nos acostumamos a viver, as guerras da alma. Ela é tão real quanto as demais, tão poderosa em relação ao ser humano quanto poderíamos acreditar. Por detrás de inúmeras guerras há claros envolvimento como ocultismo, em muitos lugares homens tomados por forças espirituais agem realizando atos malignos, de origem humana e de origem maligna. Desprezar que há um mundo de poderes malignos é o suicídio que parte da humanidade cometeu ao rejeitar a espiritualidade em nome do cientificismo. Abolindo a alma, renegando a existência do espírito, negando a dimensão espiritual, e a quaisquer eventos sobrenaturais, juntamente o ser humano negou a si mesmo as únicas armas que lhe concederiam capacidade de vencer.

<http://www.youtube.com/watch?v=APptOuDHU8>

9 O REI SALOMÃO FEZ PARA SI UMA CARRUAGEM DE MADEIRA DO LÍBANO.

O rei não havia feito para mais ninguém. Era de seu uso exclusivo e fez questão que a madeira fosse das montanhas libanesas.

1. 3:10 עמודיו עשה כסף רפידתו זהב מרכבו ארגמן תוכו רצוף אהבה מבנות ירושלם:
2. Amudav asah khesev refidato zahav merkavo argaman tokho ratzuf ahavah **mibanot Yerushalayim:**
3. He made the pillars thereof [of] silver, the bottom thereof [of] gold, the covering of it [of] purple, the midst thereof being paved [with] love, for the **Daughters of Yerushalayim.**

10 FEZ-LHE AS COLUNAS DE PRATA, O ESTRADO DE OURO, O ASSENTO DE PÚRPURA, O INTERIOR REVESTIDO COM AMOR, PELAS FILHAS DE JERUSALÉM.

1. 3:11 צאינה וראינה בנות ציון במלך שלמה בעטרה שעטרה־לו אמו ביום חתנתו וביום שמחת לבו:
2. Tzeinah ureeinah **benot Tziyon baMelekh Shelomoh** baatarah sheitra-lo imo beyom khatunato uveyom simkhat libo:

3. Go forth, O ye **Daughters of Tzyon**, and Behold **King Shelomoh** with the crown wherewith his mother crowned him in the day of his espousals, and in the day of the gladness of his heart.

A beleza da Liteira começa a ser-nos desvendada. Suas colunas são deitadas de prata, ela possui um piso coberto de placas de ouro e assentos ou troncos que tem uma forração especial revestida de púrpura. Vinho. Ela era uma obra de tingimento de tecidos caros, que foram tecidos e costurados pelas moças nobres da cidade de Jerusalém. Cada pedaço da liteira lembra o interior do templo de algum modo, evoca a imagem do tabernáculo e de um dos estofos da cortinada que separava o átrio do santo dos santos. A cobertura de ouro fica sustentada por colunas de prata, como as peças especiais da antiga tenda que fixavam os tecidos das paredes nos postes fincados no chão. O tabernáculo tinha uma cerca feita de tecido, amarrada a postes ou colunas através de ganchos de prata. O assento de Salomão era uma obra de finíssima tapeçaria, e a tinta utilizada era muito difícil de se conseguir. A [púrpura](#) designa os mais importantes e mais caros corantes da História, utilizados pelas elites até à queda de Constantinopla em meados [do século XV](#). A púrpura era obtida a partir da secreção mucosa produzida pela glândula hipocondrial situada junto do tracto respiratório de moluscos do género [Purpura](#), por exemplo *purpura haemostoma*, e do género *Murex*. Encontram-se enormes pilhas de cascas destes moluscos em alguns sítios históricos na costa grega já que se estima que eram necessários cerca de 10 000 destes elusivos moluscos para produzir 1 grama de corante, cujos diferentes tons dependem do tipo de molusco e extração utilizados. Não é por isso de espantar que o seu preço fosse muitas vezes mais elevado que o ouro e que apenas pessoas muito abastadas se pudessem dar ao luxo de usar roupa tingida com estes corantes, normalmente associados à realeza e ao clero.

Durante o Império Romano, apenas o imperador Romano podia aparecer em público com um manto tingido de púrpura imperial, enquanto que aos senadores imperiais estaria reservado apenas o uso de uma barra púrpura na toga branca. Já os textos bíblicos referem o púrpura, argaman, que deveria tingir as cortinas do tabernáculo e as vestes sacerdotais, e o tekhelet, um corante azul obtido de uma criatura marinha que a Torah refere como chilazon.

Aqui o reconhecimento do trabalho esmerado e do amor das meninas de Jerusalém. Elas amam o rei, apesar de seus exageros. Participaram efetivamente da construção de sua liteira, que simboliza o engrandecimento de seu Reino. A púrpura simboliza dentro e fora das Escrituras à realeza, ela era a cor das vestes dos governantes. Tão caro era um manto tingido inteiramente por essa cor que somente reis tinham o privilégio de usar tal vestimenta. É um trabalho preciosíssimo, por assim dizer, de valor tão alto para um camponês, que para ele é de imensurável valor. Enfim temos uma visão *majestosa*, das obras de Salomão. A Liteira simboliza a Obra do Espírito, seus ministérios, seus serviços, as Operações espirituais. Simboliza o Reino. A Sunamita representa a Igreja vendo desfilar diante dela, enfeitada por colunas de areia e pó que ascendem aos céus, perfumada com incenso e revestida de amor, ao Ministério do Espírito. Que possui o seu perfume. A Igreja não é o Ministério. A Igreja não é o Serviço. A Igreja não é sua Obra. O Reino é eterno, não tem início nem fim, mas sua existência só tem significado no amor que o Espírito possui pela Igreja. A glória de Deus é tremenda, sua magnificência chega a ser ultrajante. O universo é criado pela palavra de sua boca, estendendo-se pelo cosmos, em trilhões de quilômetros. Centenas ou milhares de galáxias declaram em alto e bom som a sua grandeza. Mas o que mais nos emociona em toda a existência é o amor com que as filhas de

Jerusalém tecem um manto de púrpura. O universo toma outro sentido diante do amor. Diante da vida e da perspectiva da vida eterna, não baseada na servidão, na obrigação, antes no amor. Não *nos perturba* a grandeza de Deus, o homem nasce nela, vive nela e morre nela. Mas deslumbra-nos o seu tremendo amor. As colunas de prata chamam a atenção para um gesto de sacrifício. **Elas lembram as 30 dracmas de prata atiradas no chão do santuário por um homem que se deu conta da vilania de seu ato, lembram os pratos que conduziam o sangue das vítimas até o interior do santo dos santos. Lembram o preço de um irmão vendido pelos seus irmãos a um grupo de comerciantes.** A um grupo de mercadores, do mesmo tipo que eleva o pó aos céus ao passar com suas grandiosas caravanas cheias de objetos, mirra, tapeçaria e até escravos.

As colunas da Obra, do Ministério, do Serviço, das Realizações, do Reino, são de **PRATA**. Apontam para o preço paga para Salvação, preço pago para Redenção, num ato de amor intencional. E espetacular.

A púrpura exalta a REALEZA. Que nos evoca o PODER e a AUTORIDADE. Uma das características do Ministério é a cor púrpura. Demônios se ajoelham, gritam, são expelidos, poderes malignos são destruídos, pela manifestação dessa Autoridade e deste Poder. O Evangelho é revestido de Autoridade e as filhas de Jerusalém o revestiram. De Jerusalém sairão os apóstolos, lá a Igreja receberá a Autoridade e o Poder.

“Ficai em Jerusalém até que do alto sejais revestidos de PODER”

E nos evoca uma **Jerusalém celestial** de onde anjos, espíritos ministradores, foram enviados **para derramarem o poder sobre a Igreja que nascia no último dia de uma festa movida a VINHO**. A festa de Pentecostes ou festa das semanas é a festa da colheita e na época de Sunamita é profundamente associada a festa de Benjamim. Comparo os anjos às filhas de Jerusalém neste instante, quando refiro-me a Jerusalém celestial. A palavra “espírito” tanto em grego como em hebraico são do gênero feminino. Ainda guardamos a identidade feminina para a palavra “alma” na língua portuguesa. Embora o conceito de masculino ou feminino não se aplique aos anjos, fica uma sombra, lúdica, porque em relação a Igreja Terrena que é a Sunamita, os anjos são certamente as filhas de Jerusalém. Eles são nobres, separados, pertencem a cidade, moram nela, habitam nela, possuem casas e propriedades hereditárias. Nós ansiamos viver a riqueza celestial. Os anjos VIVEM nela. Nós ansiamos alcançar a Jerusalém que é do alto. Os anjos MORAM nela. O mistério do PODER concedido à IGREJA está profundamente associada a ministração angelical. E fica uma outra grandiosa revelação neste texto. As filhas de Jerusalém não enfeitaram o assento por obrigação. Mas porque amavam a Salomão.

Assim como o púrpura evoca o Poder do Espírito, o “amor” das filhas de Jerusalém evoca algo que foi falado poucas vezes. Ou quase e nunca. Os anjos eleitos AMAM a Deus. E seus atos são movidos não por SUBORDINAÇÃO. Mas por lealdade, fruto de amor profundo.

Os materiais neste texto são o tecido tingido de púrpura, ouro, prata, madeira do Líbano.



Essa cor do interior da Liteira, é a mesma das tranças da Sulamita (*Cantares 7:5*).



O INTERIOR da Liteira é púrpura. Seu exterior é madeira do Líbano. O ministério não OSTENTA o PODER, não APARENTA o que seu interior REVELA. O PODER ministerial é exercido a partir do homem interior e não de seus pensamentos, é manifesto a partir do Espírito de Deus para o seu espírito, é fruto de uma busca “secreta”, vem de um lugar oculto, escondido à vista só percebível de quem se aproxima. Não aparentar é uma escolha da humildade. Um grande professor não humilha seus alunos debaixo da glória de seus grandes conhecimentos. Uma das cenas mais tristes que podemos assistir é a de um homem o qual após honrado com um cargo por uma instituição age como se fosse uma

divindade, como uma celebridade. A igreja não celebra seus pregadores, não apresenta seus fabulosos apóstolos. Porque o poder espiritual vem do coração, se estabelece através da comunhão, é exercido de dentro para fora. Do coração ele é manifesto, inunda a mente e daí se derrama. Os cabelos de Sunamita também são tingidos de púrpura. Significa que quem olha para ela vê a beleza dessa Autoridade real retratada sobre a sua cabeça. Muitas visões são dadas que representam os cabelos como uma extensão dos pensamentos. O Israelita ao mostrar extremo sofrimento da alma, da mente, arrancava seus cabelos. Os cabelos representavam a dignidade feminina. Eram tratados com esmero, são diferenciadores de povos, nacionalidades, culturas. As moças indianas oferecem ainda hoje os cabelos em oferenda a uma determinada deusa. A maioria das perucas do mundo é feita com cabelos das mulheres da Índia. Um profeta recebe uma visão em que o Espírito o toma pelos cabelos e assim o transporta espiritualmente. Eles refletem carinho das mães, o amor do esposo e da esposa. A cabeça da mulher israelita nessa época só pode ser tocada pelo seu esposo, ou familiares próximos. O cuidado pelo ser humano é retratado por Cristo em que até os fios de cabelos da cabeça de qualquer de seus discípulos fora contabilizado por Deus. E nenhum cairia sem uma permissão divina.

Esdras 9:3

E, ouvindo eu tal coisa, rasguei as minhas vestes e o meu manto, **e arranquei os cabelos da minha cabeça** e da minha barba, e sentei-me atônito.

Jó 4:15

Então um espírito passou por diante de mim; **fez-me arrepiar os cabelos** da minha carne.

Lucas 12:7

E até **os cabelos da vossa cabeça estão todos contados**. Não temais pois; mais valeis vós do que muitos passarinhos.

Ezequiel 8:3

E estendeu a forma de uma mão, e tomou-me pelos cabelos da minha cabeça; e o Espírito me levantou entre a terra e o céu, e levou-me a Jerusalém em visões de Deus, até à entrada da porta do pátio de dentro, que olha para o norte, onde estava o assento da imagem do ciúmes, que provoca ciúmes.

O Espírito vê essa parcela do ser humano, seus pensamentos, seus sentimentos, sua dignidade, sua essência, púrpura. Revestido de AUTORIDADE. Revestido de REALEZA. Revestido de PODER.

De modo poético, *a pomba de penas púrpuras* evoca o textos:

I Pedro 2:9

Mas vós sois a geração eleita, **o sacerdócio real**, a nação santa, o povo adquirido, para que anunciéis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz;

A PROFECIA de PEDRO é reveladora. Um híbrido de dois ministérios, a REALEZA e o SACERDÓCIO unidos num mesmo ministério. Porque a Igreja foi chamada para Reinar através da Oração, para chamar a existência as coisas que não são, através da Intercessão.

Ela possui o coração de um intercessor e a ousadia de um operador de milagres. Ela é partícipe de um ministério que une a unção que era derramada sobre o rei com o óleo perfumado que era derramado sobre o sacerdote.

Em Cristo, unidos a ele, nos tornamos filhos da fé, filhos de Abraão, herdeiros da promessa. Jesus nos chama de irmãos, co-herdeiros. Ele como descendente de Judá é a pessoa que os profetas disseram que se assentaria no trono de Davi para sempre. Jesus é o herdeiro de um reino que foi dito ETERNO, ele dá CONTINUIDADE ao REINADO de SALOMÃO. Ele é segundo a carne, descendente real. Se Israel continuasse a existir como nação Jesus poderia reclamar para si o direito a soberania, porque segundo o talmude somente o messias tem direito ao governo de Israel.

Também há um grupo de judeus ultra ortodoxos, chamado Neturei Karta (Guardiões da Cidade). São antissionistas, por assim dizer, que se opõem à existência do Estado israelense por razões religiosas: **eles acreditam que, até a vinda do Messias, estão proibidos de ter seu próprio Estado.**

Jesus repartiu o REINO com sua IGREJA.

Lucas 12:32

Não temas, ó pequeno rebanho! **porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino.**

Literalmente, se refeito o cerimonial da ungidura do rei, todos os crentes em Cristo teriam que se ajoelhar e receber sobre suas cabeças o mesmo óleo que Jesus receberia ao ser ungido rei.

E isso já foi feito ESPIRITUALMENTE.

11 SAÍ, Ó FILHAS DE SIÃO, E CONTEMPLAI AO REI SALOMÃO COM A COROA COM QUE O COROOU SUA MÃE NO DIA DO SEU DESPOSÓRIO E NO DIA DO JÚBILO DO SEU CORAÇÃO.

O casamento de Salomão com Sunamita ainda ocorrerá no futuro. Esse texto quebra a linearidade da estória, ele distorce o tempo, ele muda os períodos, traz do futuro da poesia para o seu presente uma esperança que adornava o coração de Sunamita. Ela vê algo fabuloso, excepcional, como se num sonho em que ela vê o mais extraordinário casamento. A cena é de um casamento oriental onde a mãe coroa seu “príncipe” para que ele possa como assim receber as mãos de sua princesa. Todo israelita era assim tratado, o cerimonial não mudava do camponês para o nobre, do sacerdote para o rei, senão a pompa e os detalhes com que seria realizado, mas na essência era essa a cena que aconteceria com todos. O casamento israelita durava sete dias.

Tradições do casamento hebraico antigo

O Noivado



De acordo com costumes antigos, a cerimônia do noivado (ou Desposório) ocorreria um ano ou mais, antes de chegar o dia das Bodas. Durante o noivado (ou Desposório) as famílias da noiva e do noivo reunir-se-iam com algumas pessoas que não eram membros da família, as quais serviriam como testemunhas. O noivo daria à noiva um anel de ouro ou outros itens de valor. E se eles eram pobres, e tais coisas estivessem além de sua capacidade, simplesmente o noivo daria para a noiva um documento que no qual se comprometia a casar com ela. O noivo em seguida diria para a noiva: "Olha, com esse anel (ou com este sinal) declaro que você está reservada para mim, de acordo com a lei de Moisés e Israel". A família e amigos, então, concederiam presentes para a noiva.



Após esta cerimônia, a noiva voltava para a casa de seu pai e o noivo de volta para a dele. A vida continuaria como antes, no entanto, a partir deste dia ela seria sua noiva e legítima esposa do noivo.

Foi durante este período de noivado que Maria descobriu que tinha concebido um filho. José profundamente magoado, sem dúvida, teria diversas opções de acordo com a lei. Já que Maria era sua esposa legítima, José poderia ter permitido que ela fosse punida com a morte. (Levítico 20:10), ou poderia ter concedido imediatamente um certificado de divórcio. (Deuteronômio 24:1). A Bíblia nos diz que porque José era um homem justo e reto escolheu assumir a culpa, não arriscando a vida de Maria. No entanto, ele poderia ter escolhido contar a comunidade o que aconteceu a uma mulher casada que foi descoberta em aparente infidelidade. Mas ele preferiu que a sua conduta ilícita fosse mantida em segredo, seguindo para longe e após deixá-la silenciosamente. Foi neste momento um anjo do Senhor lhe assegurou que Maria tinha sido fiel e que a criança que esperava fora gerada pelo Espírito Santo. (Mateus 1:18-25)



Procissão de casamento

Um ano depois, mais ou menos, depois de ter sido realizado a cerimônia de noivado, a noiva sabia que o dia do casamento se aproximava. PORÉM não tinha certeza sobre o dia e a hora exata que seu namorado voltaria para ela. Todas as moças da época de Jesus estavam familiarizadas com o termo, "Corra! Aprese-se! Apronte-se!", que parece descrever a situação da noiva enquanto ela verificava seu calendário e contava os dias até que ele completasse o ano de noivado. Ela sabia que o tempo de sua partida estava se aproximando. A noiva sabia que tinha que estar pronta para ser "levada" a qualquer momento, mas não sabia a data exata ou o dia exato em que o noivo viria para ela. Pois, segundo a cultura judaica, o dia começa ao pôr do sol. O noivo chegaria em geral à noite. Muitos meses antes do dia do casamento, a noiva faria todo o possível para suavizar a sua pele e fazer o seu cabelo brilhar. Quando considerava que o dia do casamento já estava perto, estaria usando o vestido de casamento durante os dias próximos, pois não tinha certeza se o noivo viria para buscá-la na noite anterior ou posterior. Possivelmente seu cabelo seria trançado com ouro e pérolas. Colocaria uma coroa em sua cabeça e pulseiras e brincos e enfeitaria a sua cabeça com jóias e pedras preciosas da família. Se o pai da noiva

era um homem pobre, então ela iria pedir que fossem presenteados a ela por seus amigos, adereços, para que ela se apresentasse mais bonita.

O pai do noivo após haver verificado que todos os preparativos na casa da noiva foram realizados, daria permissão para o seu filho para trazer a noiva à sua casa. O noivo reuniria os seus amigos que o ajudariam a se vestir com roupas bonitas. Seria perfumado com incenso e mirra. **Usaria uma coroa de ouro ou teria uma guirlanda de flores colocada em sua cabeça para que pudesse se parecer o mais próximo possível com um rei.**



Os amigos estariam fazendo uma brincadeira - iriam se curvar diante dele como se o noivo fosse um membro da realeza - Uma banda de músicos e cantores iria acompanhá-los. Alguns convidados do casamento estariam esperando ao longo do caminho para levar o grupo de amigos e ao noivo para a casa da noiva e o cortejo nupcial se juntaria aos amigos do noivo Quando chegassem à casa da noiva, o noivo, seus amigos e os convidados expressariam sua alegria cantando. o Esposo "tomaria" a sua esposa e a levaria para fora da casa de seu pai. Hoje, é normal aquele que preside uma cerimônia de casamento dizer: "Você toma esta mulher como sua legítima esposa?" Provavelmente a parte mais emocionante da cerimônia de casamento é quando o noivo

"Toma ou recebe" a noiva. Onde o noivo vai fazer isso dependerá de sua condição social. Se você fosse rico, provavelmente já teria um lugar preparado para dois. Se fosse pobre iria para a casa dos pais do noivo.

O cortejo nupcial partiria da casa dos pais da noiva e iria para a casa do noivo, onde se realizaria o banquete de casamento. Esperando a procissão e atentos à voz de alegria e celebração, os outros convidados da noiva e suas madrinhas se juntariam ao cortejo nupcial ao longo do caminho.

Uma vez que as ruas eram muito escuras, era necessário para quem viaja à noite, levasse uma lanterna ou uma lâmpada. O termo "tomar as suas lâmpadas" significava que os convidados estavam prontos e esperando para fazer parte da celebração. Algo como ter feito um convite. Sem uma tocha ou uma lâmpada não poderiam juntar-se a procissão nem

entrar na casa do noivo. Uma vez dentro da casa, o anfitrião da festa de casamento, que era geralmente o pai do noivo, daria aos convidados preciosas roupas para vestir.



Baseado em Fred H. Wight , *Maneras & Costumbres de las Tierras Bíblicas* (Chicago, Illinois: Moody Press 1953), p. 130-134; 235

Sunamita estava vendo em sua mente, sonhando com algo que levaria pelo menos 1 ano para ocorrer!

Mesmo que Salomão a desposasse naquela semana, só retornaria depois de 1 ano para finalizar o casamento.

Poeticamente ela antevia um amanhã maravilhoso.

Há uma surpresa profunda no texto, de beleza ímpar. A mãe do esposo é nada mais nada menos do que Betseba. A moça que foi privada de seu casamento, que teve o marido morto pela vergonha de um rei. A moça que perdeu seu primeiro filho concebido a partir de um adultério. Agora era ela que de modo LEGITIMAVA a união voluntária e amorosa de seu amado filho Salomão. As mãos que colocam a coroa de flores na cabeça de seu filho são de uma dupla viúva, que testemunhou uma vida cheia de problemas familiares, que intimamente ela sabia que era parcialmente a culpada. Tinha responsabilidade, ainda que involuntária na morte de Urias, na morte de seu filho, e até nas consequências espirituais desastrosas que culminariam na morte de Absalão, Amon e no isolamento de Tamar.

É a representação do desejo de Salomão ver sua mãe sendo honrada.

Num dos mais belos trechos das Escrituras.

Nesse momento Betseba representa-nos, representa a Igreja, sendo dignificada, honrada, no mesmo instante que dignifica ao Espírito de Deus. É o cumprimento da palavra de Jesus dada a samaritana, “porque o Pai busca aqueles que o adoram em Espírito e Verdade” é o momento em que a Igreja o adora, glorifica, ENTRONIZA ao rei. O coroa com flores, com seus dons, com seus talentos. Foi Betseba que teceu a coroa de flores, ela que escolheu cada uma das flores que compõe a coroa. Quando isso acontece, o passado já não é levado em conta. *Porque as coisas velhas já passaram e eis que tudo se fez novo*, diria Paulo.